

tituiu um fundamento essencial da natureza dinâmica do conceito de QdV.

Retomando as minhas considerações iniciais, este livro, para além da clareza da abordagem, apresenta-se de forma generosa, uma vez que expõe a temática da QdV de modo a permitir um conhecimento sobre as potencialidades e as limitações práticas, teóricas e técnicas que este tema pode provocar a todos quantos se interessem por esta questão. Para além do estímulo e apelo à melhoria dos instrumentos de recolha de dados, o livro, no conjunto, propõe a utilização de instrumentos renovados de medição da QdV que, em muitos países, se têm mostrado benéficos, no contexto clínico, no sentido de uma abordagem holística dos utentes dos serviços de saúde.

Joana Guerra

Instituto Superior Miguel Torga

Carole R. McCann e Seung-kyung Kim (eds.). 2003. *Feminist Local and Global Theory Perspectives Reader*. Nova Iorque e Londres: Routledge. 509 pp. ISBN: 0-415-93153-3.

Apesar de ser uma antologia de textos (ou um 'reader'), este é um livro de referência, sendo os textos escolhidos segundo uma perspectiva política que visa colocar as questões do feminismo, tendo em conta a globalização e os problemas que dela decorrem. Como se afirma na Introdução, a palavra feminismo nunca teve um significado historicamente fixado, tendo sido, pelo contrário, objecto de um intenso debate. Não obstante, as organizadoras optam por uma definição minimalista, afirmando que este termo designa o activismo político das mulheres em prol delas próprias. A opção feita é muito clara, porque as organizadoras pretendem dar voz às feministas dos Estados Unidos, da Europa, da América Latina, da Ásia, da África e da Austrália, retirando, por outro lado, a primazia ao feminismo ocidental, identificado com os interesses e com a visão do mundo das mulheres brancas, heterossexuais, pertencentes à classe média e oriundas dos países do norte. À luz destes novos movimentos que dão voz às minorias raciais, sexuais, étnicas e sociais, o feminismo branco dos anos setenta teria falado indevidamente em nome de todas as mulheres.

Desta forma, esta antologia define-se tanto pelos textos que inclui, como e sobretudo por aqueles que exclui. Quem procurar aqui os nomes das feministas históricas americanas, daquelas que lutaram pela definição de uma área científica, que obtiveram (e conservaram) lugares importantes nas universidades mais conhecidas do mundo, que estão à frente dos departamentos mais prestigiados e das associações profissionais de referência, não os encontra aqui. Algumas das visadas (ou seja, das que não foram escolhidas) têm-se manifestado, por vezes também de uma forma violenta, contra a irrupção de um conjunto de movimentos que transformam a questão da definição do feminismo no problema central da sua própria teoria, retirando às mulheres a possibilidade de dizer 'nós'. A proliferação de vários feminismos, reflectindo as visões particulares de determinados grupos, impede que se encontre uma forma de definir a própria mulher, conceito esse superado pelo novo conceito de 'género' (Judith Butler) ou de 'cyborg' (Donna Haraway). A partir do momento em que não há denominador comum – argumentam as feministas históricas – o movimento global pela emancipação deixa de ter sentido, podendo mesmo correr-se o risco de se perderem as conquistas das últimas décadas. No entanto, a própria publicação deste livro numa editora prestigiada, bem como o seu propósito escolar, mostra que estão a perder esse combate.

Sinal dos tempos e das violentas polémicas que atravessam a teoria feminista no início do século XXI, esta antologia visa reescrever uma história, debater um conjunto de problemas para ter uma intervenção directa na academia: o livro pretende funcionar como um manual para os cursos universitários americanos e ingleses, abrindo-se às novas correntes dos estudos pós-coloniais e do multiculturalismo. Sendo assim, as leitoras desta obra pertencem, na sua maioria, ao grupo contra o qual este livro se ergue, contradição essa que não deixa de ser apontada pelas representantes das correntes feministas brancas.

A obra divide-se em quatro secções: na primeira – 'Definitions and Movements' – estudam-se, no dizer das organizadoras, quatro conceitos chave: o género, as experiências das mulheres, a afirmação 'o pessoal é político' e a questão da diferença. Curiosamente, nesta secção inclui-se um texto de Simone de Beauvoir que dialoga com textos

sobre a 'chicana', o feminismo negro, os direitos das mulheres lésbicas ou se referem a questões mais específicas como a luta pela emancipação das mulheres africanas ou brasileiras. Curiosamente, existe uma história que se vai fazendo, procurando encontrar as suas raízes: esta secção abre com um texto intitulado 'We Egyptian Women'. O conjunto das questões que são formuladas abre um leque infinito de possibilidades, pelos novos objectos de estudo que são apresentados ou pelas formas de abordagem que, por vezes, surpreendem pela sua novidade.

A segunda secção – 'Theorizing Intersecting Identities' – está, por sua vez, dividida em três partes: raça e nação, classe e sexualidade. Os textos dão conta de várias formas de análise, uma vez que não parece fácil determinar como se conjugam estes quatro factores. Em última análise, o problema que é posto tem a ver com a definição da identidade da mulher (de todas as mulheres), uma vez que cada uma delas pertence a vários grupos, sendo, portanto, difícil determinar com precisão qual o peso de cada um deles tanto ao nível individual, como ao nível colectivo. Constituída mais por um conjunto de perguntas do que por um conjunto de respostas, esta secção transforma-se no espelho das próprias contradições do feminismo contemporâneo que se põem tanto ao nível da teoria, como ao nível da sua intervenção política.

Finalmente, é na terceira secção – 'Theorizing Feminist Agency and Politics' – que se põem os problemas mais interessantes, sobretudo porque se fazem intervir as contribuições das teorias pós-estruturalistas. O texto de Judith Butler (a autora do livro de referência *Gender Trouble*) defende uma aproximação fenomenológica da identidade feminina que deixa de ser um facto, uma essência ou uma estrutura para passar a ser uma construção performativa através de um conjunto de actos. Esta posição faz com que se chegue à definição de género, implicando uma nova concepção do corpo que passa a ser, na esteira de Merleau-Ponty, mais uma 'ideia histórica' do que um dado natural, sendo também a materialização de um conjunto de possibilidades. Os argumentos de Butler podem tornar-se convincentes, na medida em que podem libertar a mulher de uma 'herança biológica', permitindo, por outro lado, fazer uma nova análise da afirmação feminista – o pessoal é político. Efectivamente, à luz desta

nova concepção, tanto a esfera privada, como a esfera pública passam a ser categorias em expansão que se tornam mutuamente interdependentes. A posição radical de Butler tem sido contestada por algumas feministas. Como acentuou Susan Gubar, em 'Critical Condition. Feminism at the Turn of th Century', a recusa de um sujeito fundador, que passa a ser construído através de um conjunto de discursos linguísticos, psicológicos, sociais e políticos pode conduzir, em última análise, ao apagamento da responsabilidade política. Se ser mulher é uma construção cultural que parece real, mas não é, sendo apenas uma ilusão ou um objecto de crença, então como será possível continuar a lutar? Em nome de quem ou em nome de quê? É certo que Judith Butler, consciente deste problema, acaba por citar Spivak que defende que, em nome de uma luta política, as mulheres deveriam criar uma ontologia falsa que criaria uma espécie de sujeito universal, tendo em vista a definição de um programa político. No entanto, acaba por recusar esta alternativa, afirmando que não sabe o que é o mundo visto através da perspectiva das mulheres. Neste sentido, recusa-se a falar em nome delas. Por outras palavras, a partir deste ponto de vista que também é aquele que preside a esta antologia, feita de textos heteróclitos, é impossível sustentar um discurso totalizante sobre o feminismo contemporâneo, constituído por várias vozes e por vários discursos, não redutíveis a uma unidade que não seja a recusa da própria unidade.

Em resumo, esta antologia merece uma leitura atenta porque pode ser analisada como uma espécie de montra dos problemas que atravessam o feminismo contemporâneo. Num certo sentido, ao fazer dialogar as vozes de activistas com os discursos teóricos das investigadoras, o livro propõe uma reflexão que é uma forma de acção, tendo também um carácter performativo. Por outro lado, excluir permite outras formas de inclusão, mesmo que neste momento não seja possível vislumbrar um caminho comum para os vários feminismos que lutam por um lugar ao sol quer a luta se faça no terreno quer tenha como palco o espaço, sempre perverso, da academia.

Teresa Sousa de Almeida

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa